

O caos vai engolir a cidade ideal

Rogério Menezes
Da equipe do **Correio**

O melhor já passou: as grandes cidades do planeta mergulharam, a médio prazo, no mais absoluto caos. Não há saída. Não há solução — e as cenas desoladoras de filmes como *Blade Runner* — *O Caçador de Andróides*, de Ridley Scott, serão a mais pura (e dura) realidade. A opinião não é de nenhum integrante de algumas das muitas seitas fatalistas que infestam o planeta neste final de milênio. Quem pensa assim é um dos mais importantes arquitetos brasileiros, o carioca João da Gama Filgueiras Lima (mais conhecido como Lelé), 66 anos, um dos responsáveis — ao lado de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e milhares de anônimos operários e engenheiros — pela construção de Brasília. “Estava lá, em 1957, quando o primeiro prédio do DF começou a ser construído, na 108 Sul”, diz, orgulhoso.

Quarenta e um anos depois de — recém-formado em Arquitetura no Rio de Janeiro — chegar ao então ermo Planalto Central e ajudar a criar a nova capital do país e, com ela, a utopia de uma cidade ideal, o arquiteto Lelé capitulou diante do cruel neoliberalismo que assolou o mundo. E vaticina: “O clímax dessa história toda é o mais absoluto caos. E já estamos quase chegando lá. A música me aproxima do ser humano, me faz gostar dele. Mas tem horas que me sinto irritado em fazer parte da espécie humana. Por que o homem é capaz de conquistar tantas coisas importantes e

não consegue, por exemplo, controlar um incêndio em Roraima?”

O raciocínio de Lelé Filgueiras — atualmente projetando as instalações da Rede Sarah de Hospitais pelo país — é, apesar de trágico, absolutamente lógico: de que adianta construir cidades ideais (como Brasília e Curitiba) se tudo ao redor conspira contra a possibilidade de se viver bem e em paz? De que adianta sonhar com cidades ordeiras, civilizadas e pacíficas se o mundo é um constante exercício de injustiça? “Curitiba ainda é uma cidade bastante agradável de morar. Mas até quando? Aliás, já começa a exercer uma atração fatal junto aos pobres de toda a região, que se mudam para a periferia da cidade em busca de

melhores oportunidades. Com Brasília acontece o mesmo. E foi assim que o caos começou a se instalar em cidades hoje inabitáveis como São Paulo e Rio de Janeiro”, diz o arquiteto.

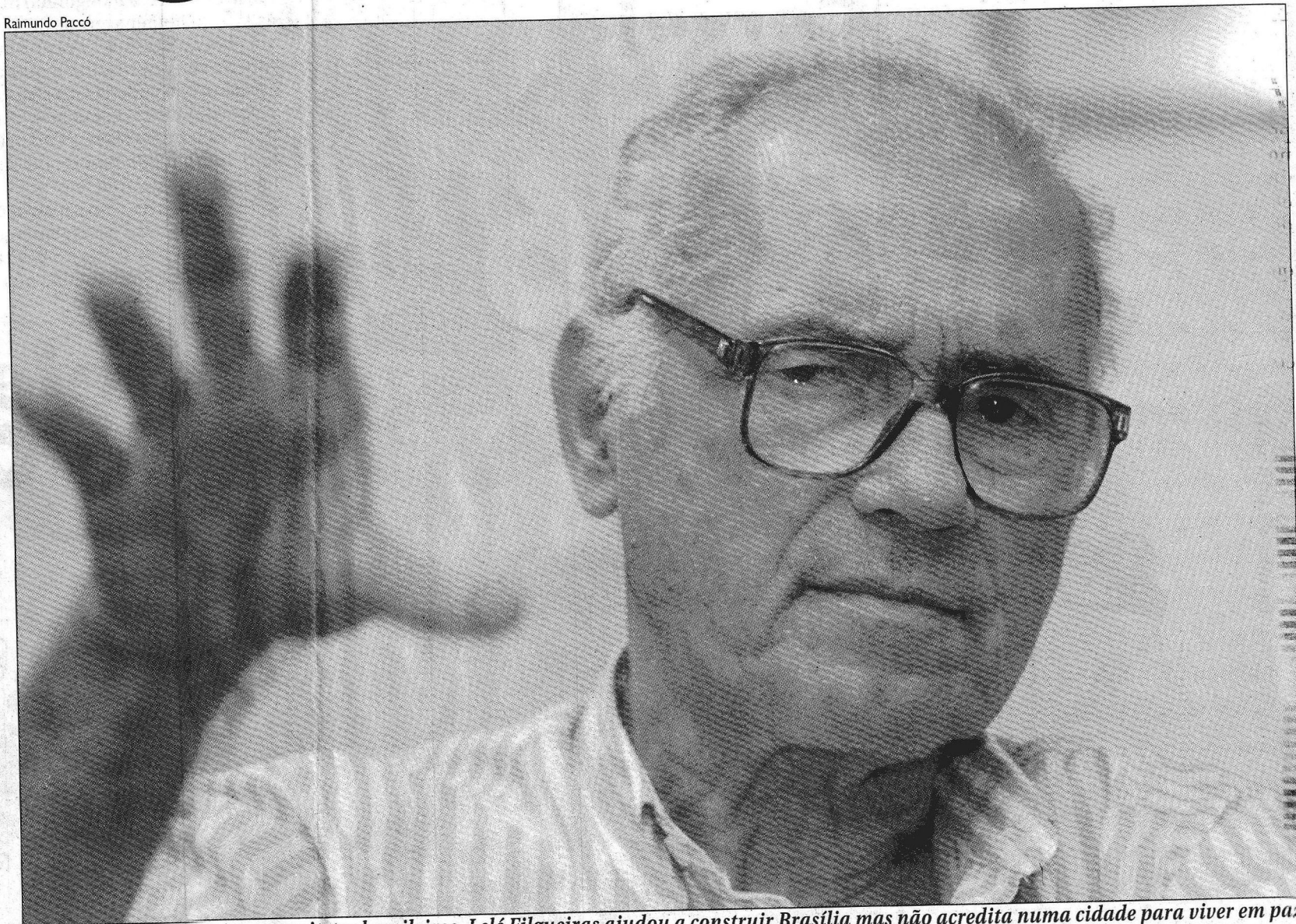
Apaixonado pelas cidades — vive dividido entre Brasília (onde moram a

“POR QUE O HOMEM É CAPAZ DE CONQUISTAR TANTAS COISAS IMPORTANTES E NÃO CONSEGUE, POR EXEMPLO, CONTROLAR UM INCÊNDIO EM RORAIMA?”

Lelé Filgueiras, arquiteto

mulher e as três filhas) e Salvador (onde tem apartamento à beira mar, desde o final dos anos 70) —, Lelé Filgueiras sente profunda tristeza quando percebe o estágio de decadência a que chegaram as grandes capitais brasileiras. “O Rio de Janeiro, onde nasci e passei boa parte da minha vida, é certamente a cidade que mais sofreu com o desenvolvimento caótico do país. Vive uma situação pior que São Paulo, que ainda tem alguns bairros bucólicos como Higienópolis e Perdizes. O Rio de Janeiro não tem mais nenhum lugar habitável, é um inferno.”

Raimundo Paccó



Um dos mais importantes arquitetos brasileiros, Lelé Filgueiras ajudou a construir Brasília mas não acredita numa cidade para viver em paz

Lelé Filgueiras gosta de visitar metrópoles — de conhecê-las mais profundamente. “Não se pode ficar num lugar durante apenas um dia e dizer que o conheceu. É preciso mais tempo para se mergulhar nos mistérios das ruas e das pessoas”, ensina o arquiteto. De todas as grandes capitais do mundo, tem especial atração por Paris e Nova

York — “o metrô nova-iorquino não é lá grande coisa, mas a cidade respira uma vitalidade tal que a faz apaixonante”, revela.

E a melhor cidade do mundo? Lelé Filgueiras diz que esse é um lugar que não existe. Pensa um pouco mais e afirma: “Em 1962, ao mesmo tempo, vivi duas situações muito especiais. Estive na Polônia e

conheci Auschwitz, o lugar que havia sido um campo de concentração, e pude constatar onde a maldade humana é capaz de chegar. Logo em seguida, conheci Cracóvia, a cidade onde o Papa João Paulo II nasceu. E fiquei deslumbrado: tratava-se de uma relíquia histórica absolutamente admirável, com uma riqueza arquitetônica deslumbran-

te, como nunca vi em nenhum outro lugar do mundo. Lado a lado, a poucos quilômetros de distância, o sublime e o abjeto conviviam.”

A conclusão de Lelé Filgueiras é dura: “Queria ter certeza que as Cracóvias sempre preponderariam sobre os Auschwitz — mas não tenho mais”.

■ Leia perfil completo do arquiteto Lelé Filgueiras, domingo, no *Correio Dois*.